

**INFLUÊNCIA DAS PERDAS DO VALOR RECUPERÁVEL DO GOODWILL NO
DESEMPENHO DAS EMPRESAS LISTADAS NA B3****Catia Bernardini Chinato***Universidade do Oeste de Santa Catarina***Mirian Perão***Universidade do Oeste de Santa Catarina***André Carlos Einsweiler***Universidade do Oeste de Santa Catarina***RESUMO**

Diante do cenário econômico mundial, as organizações precisam conhecer os principais fatores que podem afetar de alguma forma sua situação econômica e financeira, como por exemplo as perdas do *goodwill*. Neste contexto, o estudo tem como objetivo verificar a influência das perdas no valor recuperável do *goodwill* no desempenho das companhias listadas na B3 (Brasil, Bolsa, Balcão). Para tal, realizou-se uma pesquisa descritiva, documental e quantitativa, no qual compreendeu todas as companhias abertas brasileiras que registraram perdas do *goodwill* nos anos de 2011 a 2018. Os dados foram coletados no banco de dados Economática® o que compôs uma amostra de 293 empresas, totalizando 2.344 observações. Em seguida, para a análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva e regressão linear com o uso do software estatístico SPSS®. Os resultados encontrados comprovam que as perdas no valor recuperável do *goodwill* influenciam negativamente no desempenho das empresas. Além disso, o tamanho da empresa, o endividamento, o nível de governança corporativa e o índice de sustentabilidade empresarial também influenciam. A pesquisa contribui para fortalecer os estudos anteriores tanto em cenário nacional como internacional que tiveram o mesmo propósito, e também mostrar aos *stakeholders* qual a influência exercida por tais perdas que podem afetar sua tomada de decisão.

Palavras-Chave: Perdas do valor recuperável, *Goodwill*, Desempenho.

1. INTRODUÇÃO

Em um mercado cada vez mais competitivo, as empresas buscam estratégias para alcançar resultados e metas de desempenho, no qual são mensurados através de indicadores financeiros e econômicos. Estes indicadores podem ser comprometidos pela aplicação ou não de normas contábeis, pois alteram a forma pelo qual é avaliado, calculado e contabilizado seus valores patrimoniais e resultados. Por exemplo, o teste de *impairment*, instrumento que avalia a redução ao valor recuperável de ativos. O objetivo deste teste é de ajustar o valor contábil de um ativo ao seu valor econômico (Assaf Neto, 2018).

De acordo com o Comitê de Pronunciamento Contábil CPC 01 (R1, 2010) o valor recuperável de um ativo ou de unidade geradora de caixa é o maior montante entre o seu valor justo e o seu valor em uso, ou seja, nenhum ativo de longo prazo pode estar registrado por um valor superior ao passível de ser recuperado no tempo por uso nas operações da entidade ou em sua eventual venda.

Tratando-se do teste de *impairment* este acaba tornando-se mais complexo quando o ativo em questão é o *goodwill*, pois, sendo ele um ativo único, não é diretamente associado a direitos específicos identificáveis e não é separável da companhia como um todo (Zang, 2008). Ainda, não pode-se vendê-lo separadamente da companhia, além de ser difícil o cálculo dos fluxos de benefícios futuros que ele proporciona pela possibilidade de estar incluído em unidades geradoras de caixa diferentes (Vogt, Pletsch, Morás & Klann, 2016). Ademais, o *goodwill* é um ativo gerado pela expectativa de rentabilidade futura, ou seja, é um ativo que

representa benefícios econômicos futuros resultantes de outros ativos adquiridos (CPC 15, 2011).

Por outro lado, o *goodwill*, devido a sua complexidade, tem atraído a atenção de muitos profissionais em relação às perdas do seu valor recuperável. Sua definição e aplicação o tornam um dos temas mais complexos da contabilidade (De Moura, Fank, Mazzioni, Angonese & Silva, 2019). Deste modo, as empresas buscam permanentemente uma boa performance e eficácia operacional, utilizando informações contábeis e gerenciais fornecidas pelos gestores. A desvalorização do *goodwill* está aliada aos mecanismos de governança, os gestores transmitem as informações sobre o desempenho da empresa. Tais perdas podem ser utilizadas oportunisticamente pela gestão, a fim de manipular resultados, controlando o valor da perda a ser realmente reconhecida (Vogt *et al.*, 2016).

Percebe-se então a influência das operações que envolvem as perdas do *goodwill* na tomada de decisão das empresas. Apoiado por várias teorias, Camargos e Barbosa (2005) observam que a combinação de negócios está inserida nas decisões de investimento, com a finalidade de crescimento e expansão, no entanto devido a erros de avaliação pode ocasionar danos na riqueza dos acionistas.

Entretanto, com o crescente processo de reorganização, questiona-se a respeito dos resultados, se houve a melhora no desempenho econômico e financeiro das empresas (Costa, 2015). Ademais, ainda faltam estudos aprofundados a respeito desse processo, para obter uma conclusão se aumentam ou destroem o resultado da organização que apresenta *goodwill* (Rani, Yadav & Jain, 2013).

Por se tratar de um assunto relevante, diversos autores tem buscado identificar fatores que podem influenciar para a existência ou não de perdas do valor recuperável do *goodwill*, principalmente, o desempenho, tais como Li, Shroff, Venkataraman e Zhang (2011), Avallone e Quagli (2015), Filip, Jeanjean e Paugam (2015), Majid (2015), Fernandes, Gonçalves, Guerreiro e Pereira (2016), Kabir e Rahman (2016), Stenheim e Madsen (2016).

Diante do exposto, elaborou-se o seguinte problema de pesquisa: qual a influência das perdas do valor recuperável do *goodwill* no desempenho em companhias listadas na B3? Assim, o objetivo geral do estudo é de verificar a influência das perdas do valor recuperável do *goodwill* no desempenho em companhias listadas na B3.

O estudo é relevante, uma vez que busca demonstrar como o desempenho das companhias pode ser influenciado pela redução ao valor recuperável do *goodwill*. Além disso, contribui com pesquisas semelhantes realizadas. Se diferencia dos anteriores, pois preenche a lacuna voltada ao assunto, pouco explorado no ambiente acadêmico, principalmente no cenário nacional, através da análise dos efeitos ocorridos nos principais indicadores econômicos. Como exemplo, o estudo de Souza, Borba e Borgert (2011) identificaram os reflexos da perda no valor recuperável na análise dos indicadores econômicos e financeiros; Vogt *et al.* (2016) verificaram os determinantes do reconhecimento das perdas por *impairment* do *goodwill*; Costa (2015) objetivou analisar se o desempenho econômico-financeiro das empresas combinadas que resultaram em *goodwill* apresentaram melhorias; De Moura *et al.* (2019) analisaram a influência da habilidade gerencial em perdas do valor recuperável do *goodwill* das companhias abertas listadas na B3.

Outra justificativa para a realização da pesquisa diz respeito ao período de tempo, de 2011 a 2018, tendo em vista que autores, Jahmani, Dowling e Torres (2010), Li *et al.* (2011), Souza *et al.* (2011), Filip *et al.* (2015), Stenheim e Madsen (2016), Vogt *et al.* (2016), Cappellessio, Rodrigues e de Freitas Prieto (2017), De Moura *et al.* (2019), pesquisaram outros períodos. Além disso, o artigo contribuirá para a literatura fornecendo novas evidências sobre fatores que impactam a redução ao valor recuperável de ativos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, serão abordados os assuntos que dão sustentação ao referido artigo. O primeiro tópico aborda as perdas por *impairment* do *goodwill*, em seguida, desempenho econômico e financeiro; e, por fim, os estudos correlatos referentes a influência das perdas por *impairment* do *goodwill* no desempenho das empresas.

2.1 Redução Ao Valor Recuperável Do *Goodwill*

O conceito de *goodwill* trata de um ativo que surge quando a empresa espera gerar lucros acima da rentabilidade, no qual age devido a sinergia de demais ativos que não podem ser identificados separadamente. Seu valor é mensurado pela diferença entre o valor da empresa e o patrimônio líquido reconhecido pelo mercado (Martins, de Almeida, Martins & de Souza Costa, 2010). Ou seja, o *goodwill* é a diferença resultante do valor contábil do ágio e do seu valor justo. Caso o valor da contabilização do *goodwill* exceder ao seu valor justo estimado indica que está desvalorizado (Santos, Dani & Klann, 2015).

Segundo o CPC 15, o *goodwill* é um ativo que representa benefícios econômicos futuros resultantes de outros ativos adquiridos. No momento da aquisição, a entidade deve contabilizar cada combinação de negócios pela aplicação do método de aquisição, e exige que reconheça e mensure o *goodwill* ou ganho originado de compra vantajosa (CPC 15, R1, 2011).

Com o advento da convergência das normas contábeis brasileiras com as normas internacionais, o *goodwill* deixa de ser amortizado e passa pelo teste de *impairment*, orientado pelo CPC 01, no mínimo anualmente (CPC 01, R1, 2010). A partir da aplicação deste teste a empresa traz uma visão mais real do valor do *goodwill*, pois os gestores devem registrar essa perda caso o valor recuperável da unidade geradora de caixa esteja inferior ao valor contábil (Vogt *et al.*, 2016).

A aplicação do teste de recuperabilidade sobre o *goodwill* merece atenção por parte das empresas, em razão de sua complexidade e dos efeitos que pode provocar nos resultados, afetando a performance econômico-financeira, e conseqüentemente influenciando nas decisões dos investidores. (Santos *et al.*, 2015). Além da possibilidade de causar perdas no desempenho imediato, as perdas por *impairment* do *goodwill* diminuem os benefícios econômicos futuros (De Moura *et al.*, 2019).

Por conseqüência, à medida que uma perda por *impairment* do *goodwill* é reconhecida, a empresa sinaliza que seus fluxos de caixa futuros não trarão o retorno esperado. Logo, as perdas indicam uma redução na expectativa de lucratividade futura da companhia (Li *et al.*, 2011). Por conseqüente, os investidores incorporam esta informação em sua avaliação da empresa e acabam por reduzir suas expectativas sobre o desempenho futuro da companhia, tornando, dessa forma, a perda por redução ao valor recuperável do *goodwill* uma informação relevante para os acionistas e demais interessados (Cappellesso *et al.*, 2017).

2.2 Desempenho Econômico E Financeiro

Dada a busca de qualquer empresa por crescimento e valorização no mercado, é fundamental que as companhias tenham como objetivo permanente o aperfeiçoamento e atualização do sistema de informações, por meio de estruturas avançadas e modernas de controle e de análise. Esses mecanismos asseguram a continuidade e permanência do negócio (Jones, Ribeiro & Silva, 2009).

Desse modo, revela-se a importância de desenvolver padrões de mensuração de desempenho consistentes e alinhados com as estratégias da organização. Estes instrumentos devem ser utilizados pelos gestores como suporte nas tomadas de decisões, atingindo melhor controle dos resultados, eficácia nas ações e comprometimento para com a empresa (Callado, Callado & Almeida, 2008).

Um método amplamente utilizado para auxiliar na interpretação dos dados contidos nas demonstrações contábeis são os indicadores de desempenho. Eles mensuram a situação

econômica e financeira da empresa e possibilitam a avaliação dos valores evidenciados em determinado período (Souza *et al.*, 2011).

Os indicadores ajudam na análise das demonstrações financeiras, uma vez que resumem os dados contidos de forma conveniente, fácil de interpretar e comparar. Dessa maneira, presume-se que quanto melhor a qualidade da informação, contida nas demonstrações contábeis, mais eficiente será o resultado da análise (Stickney & Weil, 2000).

Assim sendo, os indicadores que mensuram o desempenho são elencados em econômicos e financeiros. O aspecto econômico diz respeito ao potencial de geração de resultados favoráveis a empresa, e a capacidade financeira refere-se ao potencial de gerar caixa (Souza *et al.*, 2011).

Como exemplo, destaca-se a rentabilidade sobre o ativo (ROA) que mede o resultado operacional gerado pela empresa, ou seja, antes do resultado financeiro. Se o ROA for superior ao custo das dívidas a empresa possui uma alavancagem positiva, significando que a rentabilidade de seus negócios é superior à remuneração do capital de terceiros (Kassai, Casa Nova, Santos & Assaf Neto, 2007).

A variável *Market to book* demonstra a diferença entre o valor de mercado da empresa e o seu valor contábil, além de representar uma medida de retorno das ações e indicação do crescimento da empresa (Chen & Zhao, 2004; Jarva, 2009). Para AbuGhazaleh *et al.* (2011) o *Market to book* considera toda a empresa como uma unidade geradora de caixa, ou seja, as empresas que apresentam indicadores maiores tendem a registrar mais perdas por redução ao valor recuperável do *goodwill*.

O crescimento das vendas indica aumento do desempenho operacional, gerando uma maior projeção de benefícios futuros dos ativos. Quanto maior a variação das receitas, maior a projeção de fluxos de caixa futuros (Vogt *et al.*, 2016).

O fluxo de caixa operacional capta atributos de desempenho relacionados à capacidade dos ativos de gerarem caixa. Espera-se que os fluxos de caixa tenham contribuição para determinar o montante das perdas por redução ao valor recuperável do *goodwill*, tendo em vista que as estimativas do valor em uso estão relacionadas às projeções de caixa (De Moura *et al.*, 2019).

Nesse sentido, um maior crescimento de vendas, variação do fluxo de caixa operacional e ROA influenciam para que ocorram menos perdas do *goodwill*, em outras palavras, essas variáveis, quando negativas, indicam problemas financeiros e, geralmente, estão associadas a maiores perdas do valor recuperável do *goodwill* (Abughazaleh *et al.*, 2011; Majid, 2015; Kabir & Rahman, 2016; De Moura *et al.*, 2019). Deste modo, tem-se a seguinte hipótese de pesquisa:

H¹ – As perdas do valor recuperável de *goodwill* estão negativamente relacionadas com o desempenho.

2.3 Estudos Similares

Pesquisas empíricas discorrem quanto à influência das perdas por *impairment* do *goodwill* no desempenho das empresas. Nesta mesma linha de raciocínio apontamos na sequência as pesquisas que se assemelham ao presente estudo.

Jahmani *et al.* (2010) investigaram se os gestores selecionam o tempo de reconhecimento de perdas no valor recuperável do *goodwill*, através de uma amostra de empresas que possuíam *goodwill* registrado em seus balanços entre os anos de 2003 e 2005. Os resultados constataram que as empresas com rentabilidade do ativo abaixo de 2% por três anos consecutivos tendem a adiar o reconhecimento de perdas no valor recuperável do *goodwill*.

Li *et al.* (2011) buscaram verificar se o registro de perda no *goodwill* revelava nova informação ao mercado, através de pesquisa no banco de dados Factiva durante os anos de 1996 a 2006. Os resultados concluíram que a baixa resultante do *impairment*, tanto no período

anterior a SFAS 142, quanto durante o regime de transição e após a SFAS 142, demonstrou que as perdas do *goodwill* servem como um indicador de declínio na rentabilidade futura, além de influenciarem os investidores e analistas a revisarem suas expectativas para baixo.

Souza *et al.* (2011) identificaram os reflexos da perda no valor recuperável na análise dos indicadores econômicos e financeiros nas empresas do setor elétrico brasileiro listadas na BOVESPA, através dos indicadores de liquidez, endividamento e rentabilidade referentes ao ano de 2008. Os resultados demonstraram que quanto maior a perda por *impairment* em relação ao resultado, maior o impacto imediato nos indicadores de rentabilidade. Quanto à liquidez, perdas no valor recuperável quando não reconhecidas no momento adequado ocasionam reflexos desfavoráveis no caixa.

Filip *et al.* (2015) examinaram se os gestores adiam o reconhecimento de *impairment* do *goodwill* a fim de manipular os fluxos de caixas e as consequências de tal estratégia no desempenho futuro, através de uma amostra de empresas norte-americanas no período de 2003 a 2011. Os resultados demonstraram que as empresas suspeitas de postergar perdas por redução ao valor recuperável do *goodwill* exibem fluxos de caixa significativamente positivos.

Santos *et al.* (2015) verificaram se a concentração de propriedade interfere na tomada de decisão em relação à aplicação do teste de *impairment* sobre o *goodwill*, através da análise das 100 companhias integrantes do índice Brasil – IBRX, no ano de 2012 da Bolsa de Valores de São Paulo. Os resultados apontaram que a concentração de propriedade não interfere na aplicação do teste de *impairment* sobre o *goodwill*.

Bostwick, Krieger e Lambert (2016) examinaram a contribuição da informação sobre imparidade do *goodwill* para a previsão de futuros fluxos de caixa operacionais, através da análise dos dados retirados dos arquivos da Compustat nos anos de 2001 a 2009. Os resultados constataram que ao incluir as perdas do *goodwill* aumenta de forma incremental a previsão do fluxo de caixa com um ano de antecedência.

Fernandes *et al.* (2016) analisaram o reconhecimento das imparidades nos ativos fixos tangíveis e intangíveis e sua relevância para os investidores, através de análise quantitativa de dados de 80 empresas cotadas nas bolsas de Lisboa e de Madri entre os anos de 2007 a 2011. Os resultados constataram que os valores de perdas foram crescentes e mais significativos no *goodwill*, além de sugerir que existe efeito de alisamento de resultados, sendo mais acentuados nas entidades do IBEX35.

Stenheim e Madsen (2016) investigaram a associação entre perdas por *impairment* do *goodwill* com a relação desempenho econômico, gestão de resultados e mecanismo de governança corporativa, através dos dados das 288 maiores empresas listadas na Bolsa de Londres durante os anos de 2005 a 2009. Os resultados demonstraram associações significativas entre as variáveis sugerindo que as perdas do *goodwill* refletem em danos econômicos, além de revelarem o gerenciamento de resultados.

Vogt *et al.* (2016) verificaram os determinantes do reconhecimento das perdas por *impairment* do *goodwill*, através de coletas de informações em bases de dados e notas explicativas das empresas brasileiras listadas na base Thomson entre os anos de 2011 a 2014, totalizando 91 empresas e 346 observações. Os resultados demonstraram que os fatores mudança de gestão, *market to book*, quantidade de unidades geradoras de caixa, variação no retorno sobre ativos e valor do *goodwill* foram significativos para determinar as perdas.

Cappellesso *et al.* (2017) analisaram se os gestores utilizam modalidades de gerenciamento de resultados ao decidir sobre o reconhecimento da perda por *impairment* do *goodwill* e sobre sua magnitude, através dos dados das empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa entre os anos de 2009 a 2015. Os resultados evidenciaram que existem indícios de gerenciamento de resultados durante o teste de *impairment* do *goodwill*, seja para fins de *big bath accounting* ou suavização de resultados.

De Moura *et al.* (2019) analisaram a influência da habilidade gerencial na existência e na magnitude das perdas do valor recuperável do *goodwill*, através da coleta de dados das companhias abertas listadas na B3 no período de 2012 a 2016, compondo 148 observações. Os resultados constataram que os gestores mais habilidosos podem evitar e reduzir perdas do *goodwill*.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo analisa a influência das perdas por *impairment* do *goodwill* no desempenho das empresas listadas na B3 (Brasil, Bolsa, Balcão). Sendo assim, enquadra-se, quanto aos objetivos como uma pesquisa descritiva, quanto aos procedimentos identifica-se como documental e quanto à abordagem do problema caracteriza-se como quantitativa. Para definição da população, foram identificadas todas as companhias abertas brasileiras que registraram perdas do *goodwill*, com exceção das instituições financeiras que possuem regulamentação não comparável às demais.

A pesquisa abrangeu os anos de 2011 a 2018, tendo em vista que o ano de 2010 foi de adequação ao processo de convergências às normas internacionais. Portanto, a amostra foi composta de 293 empresas. Destas, foram encontradas 2.344 observações. Para operacionalização do estudo, apresentam-se na Tabela 1 as variáveis, os autores e as fontes de coleta dos dados:

Tabela 1
Composição das variáveis do estudo

Variáveis	Descrição	Métrica	Autores de base	Fonte
Independente	Perdas do valor recuperável do <i>Goodwill</i> (<i>GOODWILL</i>)	Valor do <i>Goodwill</i> / Ativo Total	AbuGhazaleh <i>et al.</i> (2011); Avallone e Quagli (2015); Vogt <i>et al.</i> (2016)	Economática
	<i>Market to book</i> (MTB)	Valor de mercado da firma <i>i</i> no início do ano <i>t</i> / Patrimônio líquido	Zhang e Zhang, (2007); Kabir e Rahman (2016); Medrado, Cella, Pereira e Dantas (2016)	Economática
Dependente	Retorno sobre os Ativos Totais (ROA)	Ebitda/ Ativo total	AbuGhazaleh <i>et al.</i> (2011); Majid (2015); Kabir e Rahman (2016)	Economática
	Crescimento das vendas (CRESC)	Percentual de crescimento médio das vendas	Duh, Lee e Lin (2009); De Moura <i>et al.</i> (2019)	Economática
	Variação do Fluxo de Caixa Operacional (VarFCO)	(FCOt – FCOt – 1) /Ativo total	Riedl (2004); AbuGhazaleh <i>et al.</i> (2011)	Economática
Variáveis de controle	Tamanho (TAM)	Logaritmo natural Ativo Total da Empresa <i>i</i> no ano <i>t</i> .	Verriest e Gaeremynck (2009); Wan e Yiu (2009); Degenhart, Vogt, Kaveski, Fank e Scarpin (2016)	Economática
	Nível de Governança Corporativa (NGC)	<i>Dummy</i> igual a 1 para empresas que pertencem a algum nível de governança corporativa e 0 para as demais	Verriest e Gaeremynck (2009); Rossoni e Silva (2013)	Economática

	Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE)	Dummy igual a 1 para empresas com índice ISE e 0 para as demais	Mazzioni, Diel, Diel, Kruger e Klann (2014)	Economática
	Endividamento (ENDIV)	(Passivo circulante + Passivo não circulante) / Ativo total	Zang (2008); Lopez-Valeiras, Gomez-Conde e Fernandez-Rodriguez (2016)	Economática

Fonte: elaborado pelos autores.

Para mensurar a variável das perdas do valor recuperável do *goodwill* (Vlr_PerdasGoodwill), em cada empresa, foi dividido o valor da perda do valor recuperável do *goodwill* pelo ativo total. A adoção desse critério também é similar à adotada em estudos anteriores como AbuGhazaleh *et al.* (2011); Avallone e Quagli (2015) e Vogt *et al.* (2016).

Com o intuito de investigar a variável de desempenho, foram adicionadas as seguintes variáveis:

a) *Market to book*: um maior índice de *Market to book* pode indicar que as perdas do *goodwill* serão mais significativas (Zhang & Zhang, 2007; Kabir & Rahman, 2016).

b) Retorno sobre os ativos: essa variável, quando negativa, indica problemas financeiros e, assim, está associada a maior quantidade de perdas por *impairment* do *goodwill* (Abughazaleh *et al.*, 2011; Majid, 2015; Kabir & Rahman, 2016).

c) Crescimento das vendas: quanto maior a variação das receitas, maior a projeção de fluxos de caixa futuros, levando a um maior valor em uso. A probabilidade do reconhecimento de perdas por *impairment* é menor, pois o valor em uso tende a ser superior ao valor contábil (De Moura *et al.*, 2019).

d) Variação do fluxo de caixa operacional: quanto maior o fluxo de caixa maior será o valor em uso do *goodwill* e, conseqüentemente, menor a probabilidade de que uma perda seja reconhecida (Abughazaleh *et al.*, 2011).

Além disso, foram adicionadas as variáveis de controle: (i) quantitativas: tamanho e endividamento; (ii) categóricas: nível de governança corporativa e índice de sustentabilidade empresarial.

a) Tamanho da empresa: apresentado pelo ativo total, em geral, as maiores empresas gerenciam seus negócios proporcionando melhores resultados, e isso, influencia para um desempenho econômico positivo. O tamanho da empresa indica em maior desempenho organizacional (Verriest & Gaeremynck, 2009; Wan & Yiu, 2009; Degenhart *et al.*, 2016).

b) Endividamento: as empresas com níveis de endividamento elevados estão propensas a obterem resultados econômicos negativos e insatisfatórios, afetando negativamente a performance organizacional (Lopez-Valeiras *et al.*, 2016).

c) Nível de governança corporativa: empresas que possuem boas práticas de governança corporativa, prestígio dos conselheiros e a boa reputação da empresa tem como consequência um bom desempenho econômico, ou seja, as companhias com uma melhor qualidade de governança corporativa são mais propensas a um desempenho econômico positivo (Rossoni & Silva, 2013; Core, Holthausen & Larcker, 1999).

d) Índice de Sustentabilidade Empresarial: empresas que fazem parte do ISE, buscam criar um ambiente de investimento compatível com as demandas de desenvolvimento sustentável da sociedade e estimulam a responsabilidade ética das corporações, apresentando assim resultados econômicos superiores (Mazzioni *et al.*, 2014).

Após a coleta das informações, efetuou-se a análise descritiva das variáveis da influência das perdas do *goodwill* no desempenho, bem como das variáveis de controle. Ademais, foi utilizada a regressão linear, para analisar a influência das perdas do *goodwill* no desempenho. Desse modo, os pressupostos de multicolinearidade, por meio do fator de inflação

de variância – VIF e Tolerance, e ausência de auto correlação serial, por meio do teste de *Durbin-Watson*, também foram observados. Todos os procedimentos de análise dos dados foram aplicados com o uso do software SPSS®.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção apresenta-se a descrição e análise dos resultados. Desta forma, inicialmente, tem-se a Tabela 2 e 3 com a estatística descritiva e frequência das variáveis categóricas analisadas no referido estudo.

Tabela 2

Estatística descritiva das variáveis quantitativas

Variáveis	N	Média	Mediana	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
GOODWILL	2344	0,006	0,000	0,134	-0,389	6,017
MTB	2344	1,345	0,717	7,17	-224,153	149,627
ROA	2344	0,054	0,074	0,327	-10,182	4,400
CRESC	2344	0,254	0,053	3,725	-1,331	126,486
VarFCO	2344	0,000	0,000	0,000	0,000	0,002
TAM	2344	13,851	14,661	4,001	0,000	20,618
ENDIV	2344	1,128	0,592	4,267	0,000	70,368

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme pode ser observado na Tabela 2, a variável GOODWILL demonstra que, a média de perdas no valor recuperável é de 0,006 e o máximo de 6,017. Observa-se pelos valores médios e pelo desvio padrão, que o *Market to book*, Crescimento de vendas, Tamanho e Endividamento, apresentaram maior dispersão em relação a sua média. Ainda, destaca-se que, em média, o ROA representa 5,4% do valor total dos ativos. A variável VarFCO não apresentou dispersão em relação à sua média, tendo como valor máximo 0,002.

Tabela 3

Frequência das variáveis de controle com dummy

Variáveis	NGC		ISE	
	Frequência	%	Frequência	%
0	136	5,80	2208	94,20
1	2208	94,20	136	5,80
Total	2344	100,00	2344	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Em relação às variáveis categóricas, observa-se que 5,80% participam do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e 94,20% possuem níveis diferenciados de governança corporativa (NGC). Em seguida, buscou-se verificar a relação entre as variáveis, por meio do coeficiente de correlação de *Pearson*, com o propósito de identificar possíveis problemas de multicolinearidade nos dados. A presença de multicolinearidade não significa problemas do modelo, porém sua presença elevada pode gerar aumento no erro padrão (GUJARATI, 2006). A Tabela 4 apresenta os resultados da correlação de *Pearson* entre as variáveis.

Tabela 4

Correlação de Pearson entre as variáveis da pesquisa

	GOODWILL	MTB	ROA	CRESC	VarFCO	TAM	ISE	ENDIV	NGC
GOODWILL	1								
MTB	-0,072**	1							
ROA	-0,588**	0,039	1						
CRESC	0,085**	0,005	-0,026	1					
VarFCO	-0,003	-0,016	-0,465**	-0,003	1				
TAM	-0,005	0,056**	0,103**	0,001	-0,111**	1			

ISE	-0,007	0,084**	0,059**	-0,01	-0,024	0,161**	1		
ENDIV	0,037	-0,025	-0,148**	-0,004	0,344**	-0,087**	-0,028		
NGC	0,008	0,047*	0,038	0,012	0,024	-0,229**	0,062**	0,029	1

**A correlação é significativa no nível 1%. *A correlação é significativa no nível 5%.

Fonte: dados da pesquisa.

A matriz de correlação dos dados indica, em relação à variável GOODWILL, uma relação negativa e significativa a 1% com MTB e ROA, entretanto, possui uma relação positiva com a variável CRESC. Esses dados sugerem que as perdas do *goodwill* estão associadas e impactam a maiores empresas que possuem um menor valor de mercado e rentabilidade dos ativos, e um maior crescimento das vendas. Quando analisadas as correlações entre as variáveis explicativas, destaca-se uma correlação positiva com a variável MTB entre TAM, ISE e NGC, indicando que as maiores empresas, as que pertencem ao ISE e as que estão listadas em algum nível de governança corporativa possuem um desempenho melhor.

Ainda, a variável ROA apresenta correlação significativa e positiva com TAM e ISE, e negativa com ENDIV. E a variável VarFCO apresentou correlação significativa e negativa com TAM e positiva com ENDIV. Contudo, apesar de as variáveis independentes terem apresentado significância entre si, seus coeficientes foram relativamente fracos, comprovando que não há problemas de multicolinearidade no modelo. Na Tabela 5 são apresentados os coeficientes de regressão, que permitem analisar a influência das perdas do valor recuperável do *goodwill* no desempenho das companhias nos anos de 2011 a 2018.

Tabela 5

Coefficientes da regressão da influência das perdas do valor recuperável

Variáveis	MTB		ROA		CRESC		VarFCO	
	t	Sig.	t	Sig.	t	Sig.	t	Sig.
(Constante)	-1,92	0,055**	-3,943	0,000*	-0,043	0,965	2,648	0,008*
GOODWILL	-3,47	0,001*	-35,675	0,000*	4,151	0,000*	-0,819	0,413
TAM	2,61	0,009*	5,841	0,000*	0,281	0,779	-4,101	0,000*
ISE	3,40	0,001*	1,86	0,063**	-0,566	0,571	-0,048	0,962
ENDIV	-0,83	0,407	-7,213	0,000*	-0,364	0,716	17,384	0,000*
NGC	2,67	0,008*	3,966	0,000*	0,628	0,530	-0,253	0,800
Observações	2344		2344		2344		2344	
R ² Ajustado	0,015		0,374		0,006		0,124	
Durbin-Watson	1,995		1,974		2,005		1,989	
VIF	< 2		< 2		< 10		< 2	
Prob > F	0,000		0,000		0,003		0,000	

* Significativo a 5%. ** Significativo a 10%.

Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se na Tabela 5 que o poder de explicação dos modelos, conforme R² ajustados variaram de 0,6% a 37,4%. As estatísticas de Variance Inflation Factor (VIF) e Tolerance evidenciam que não existem problemas de multicolinearidade. Os resultados atenderam, ainda, outro pressuposto da regressão que é a ausência de auto correlação serial, uma vez que os indicadores de Durbin-Watson ficaram próximos de 2. Ainda, os testes ANOVA foram significantes, demonstrando que as variáveis independentes exercem influência sobre a variável dependente em todos os modelos.

Desse modo, verifica-se que o *Market to book* (MTB), foi estatisticamente significativo para a maioria das variáveis, sendo a única exceção o endividamento. A variável GOODWILL demonstrou que os valores de perdas influenciam para um menor valor de mercado, ou seja, empresas que contabilizam perdas de *goodwill* tendem a obter um pior desempenho. Os achados corroboram com o estudo de Cappellessio *et al.* (2017) em estudo semelhante, quando estes

destacam que os valores de *Market to book* foram maiores nas empresas que não reportaram a perda por *impairment*.

Com relação a variável tamanho (TAM), esta demonstrou influência, indicando que empresas maiores apresentam melhores indicadores de *Market to book*, ou seja, empresas maiores tendem a obter um melhor desempenho. O resultado não corrobora com o estudo de Medrado *et al.* (2016), quando destacaram que quanto maior a empresa, menor a relação *Market to book*.

Percebe-se também, que a variável de indicador de sustentabilidade empresarial (ISE) mostrou-se significativa influenciando para um maior *Market to book*. Os achados corroboram com Mazzioni *et al.* (2014), quando em seus estudos encontraram que as empresas que buscam criar um ambiente de investimento compatível com as demandas de desenvolvimento sustentável apresentam resultados econômicos superiores.

Além disso, a variável nível de governança corporativa (NGC) demonstrou influência significativa para um melhor desempenho. Os resultados vão de encontro com os estudos de Rossoni & Silva (2013), que destacaram que as companhias com uma melhor qualidade de governança corporativa são mais propensas a um desempenho econômico positivo.

Em relação a variável ROA todas as variáveis estudadas apresentam significância. É possível analisar que a redução de perdas do *goodwill* influencia na diminuição do indicador, em outras palavras, quanto maior o valor de perdas, menor é o desempenho e retorno sobre os ativos, o que corrobora com os achados de AbuGhazaleh *et al.* (2011) e De Moura *et al.* (2019). O mesmo ocorre em relação ao endividamento (ENDIV), demonstrando que empresas mais endividadas tendem a obter um menor desempenho. Os achados corroboram com o estudo de Lopez-Valeiras *et al.* (2016), quando encontraram que empresas com níveis de endividamento elevados estão propensas a obterem resultados econômicos negativos e insatisfatórios, afetando negativamente a performance organizacional.

A variável tamanho da empresa (TAM), também mostrou-se significativa e positiva para o ROA, o que demonstra que empresas maiores influenciam para um maior desempenho no indicador de retorno sobre os ativos (ROA). O achado corrobora com Verriest & Gaeremynck (2009), quando estes destacam que o tamanho da empresa influencia positivamente no desempenho.

Verifica-se que as empresas que apresentaram algum nível de governança corporativa (NGC), apresentou significância positiva no desempenho, influenciando para um maior ROA. Entretanto, o achado não corrobora com Almeida, Dos Santos, De Medeiros Ferreira & Torres (2010), que destacaram em seus resultados evidências de que a relação com o NGC influencia negativamente o desempenho, embora não seja significativa estatisticamente.

Nota-se também, que as empresas inseridas no indicador de sustentabilidade empresarial (ISE), apresentaram significância e influenciaram positivamente no aumento do ROA. O achado difere do estudo de Fasolin, Kaveski, Chiarello, Marassi & Heinn (2014), no qual não demonstrou significância na relação entre o retorno sobre o ativo (ROA) e o indicador de sustentabilidade.

Com relação a variável de Crescimento das Vendas (CRESC), apenas as perdas do *goodwill* apresentaram relevância e significância, as demais variáveis comparadas não foram significativas no modelo apresentado. A redução de perdas do *goodwill* influenciam para um maior crescimento das vendas. Tal achado não corrobora com os estudos de AbuGhazaleh *et al.* (2011) e De Moura *et al.* (2019), no qual apontam que maiores perdas do valor recuperável do *goodwill* estão associadas às mudanças negativas no desempenho da empresa.

No que diz respeito a variável de Variação do Fluxo de Caixa Operacional (VarFCO), dentre as variáveis estudadas apenas duas apresentaram relevância, sendo elas: tamanho (TAM) e endividamento (ENDIV). Demonstrou, portanto, que as maiores empresas influenciam para uma menor variação do fluxo de caixa operacional, Tal resultado confirmou o estudo de Lin,

Ma, Malatesta & Xuan (2011), esta variável representa que, geralmente, as maiores empresas possuem recursos financeiros que proporcionam um desempenho estável frente suas obrigações do que as empresas menores, tornando-as menos propensas a riscos de inadimplência e maior capacidade de suportar choques negativos nos fluxos de caixa.

O resultado ainda destaca que as empresas endividadas influenciam para uma maior variação do fluxo de caixa operacional, o que também coincide com o estudo de Lin *et al.* (2011), que aponta que empresas com maiores níveis de endividamento estão propensas a pagar juros mais elevados, com menos facilidade de crédito, vistas ainda com maior risco de investimento e maior probabilidade de falência.

A partir dos resultados proporcionados pelo modelo de regressão, não foi possível rejeitar a hipótese H¹ de que as perdas do valor recuperável de *goodwill* estão negativamente relacionadas com o desempenho.

Aponta-se desta forma, que a diminuição das variáveis de desempenho nas empresas aumentam a ocorrência de perdas. Sendo assim, a redução dos indicadores sugere mudanças desfavoráveis no desempenho da empresa como um todo e, normalmente, estão associadas também a maiores perdas do valor recuperável do *goodwill* (De Moura *et al.*, 2019). Em síntese, quando as empresas registram maiores perdas do valor recuperável do *goodwill*, maior é a associação às mudanças negativas no desempenho organizacional.

Dessa forma, esses achados, podem ser relacionados com os de Souza *et al.* (2011) e Vogt *et al.* (2016), que destacam que quanto maior as perdas do valor recuperável nas empresas, maior o impacto imediato nos indicadores de rentabilidade e diminuindo, assim, seu desempenho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo identificar a influência das perdas do valor recuperável do *goodwill* no desempenho das companhias listadas na B3. Os resultados encontrados comprovam que as perdas do valor recuperável do *goodwill* influenciam negativamente no desempenho das empresas. Portanto, os efeitos da contabilização das perdas impactam nos resultados, afetando o desempenho econômico, e consequentemente influenciando nas decisões dos investidores. Foi possível verificar também, que algumas variáveis adicionais apresentam influência significativa sobre o desempenho organizacional, sendo elas: *market to book*, retorno sobre os ativos, crescimento das vendas, variação no fluxo de caixa, tamanho da empresa, endividamento, nível de governança e índice de sustentabilidade empresarial.

Quanto ao indicador *Market to book*, houve influência significativa negativa pela variável *goodwill*, e positiva para tamanho, nível de governança e índice de sustentabilidade, revelando que, ao mesmo tempo em que as perdas causam um declínio no desempenho, as demais variáveis causam um efeito contrário, tornando o valor de mercado maior.

No tocante ao indicador ROA, a influência foi significativa e positiva para as variáveis de tamanho, índice de sustentabilidade e nível de governança, e negativa para *goodwill* e endividamento. Desta forma, as empresas mais endividadas e que registram maiores perdas do valor recuperável do *goodwill*, tendem a ter maior associação às mudanças negativas no desempenho organizacional, enquanto as maiores empresas, as listadas no índice de sustentabilidade e que tem algum nível de governança demonstram melhores resultados.

No que se refere à variável de Crescimento das Vendas, a influência foi significativa e positiva para a variável *goodwill*, indicando que as perdas no valor recuperável influenciam para um maior crescimento das vendas.

No que diz respeito à variável de Variação do Fluxo de Caixa Operacional, houve influência significativa e positiva para o endividamento e negativa para o tamanho da empresa. Assim, as maiores empresas influenciam para uma menor variação do fluxo de caixa operacional. Por outro lado, as empresas endividadas influenciam para uma maior variação,

levando em consideração a captação de recursos fazendo com que tenham juros mais elevados que comprometem seu desempenho.

Como contribuição deste artigo para a área de estudo, destacam-se novas evidências sobre fatores que impactam ou não no desempenho da organização com a influência exercida pelas perdas do *goodwill*, contribuindo com a literatura e reforçando os estudos anteriores tanto em cenário nacional como internacional.

Além disso, sendo os indicadores de desempenho uma ferramenta essencial a respeito da situação econômica e financeira da empresa, a influência exercida por tais perdas é relevante aos *stakeholders*, que se utilizam de tais informações. Embora, em geral, ocorra um impacto negativo nos indicadores, estas perdas não devem ser vistas como desfavoráveis ao desempenho futuro da organização.

Contudo, o estudo apresenta limitações em relação a sua amostra, sendo composto por 293 empresas, restringindo apenas às que em algum dos anos analisados divulgaram o valor das perdas do valor recuperável do *goodwill*. Embora a amostra seja suficiente, a proporção é baixa em relação à quantidade de empresas existentes na B3.

Por fim, sugere-se que estudos futuros sobre o tema considerem utilizar outros períodos de tempo bem como outras amostras, como a utilização em bolsas de valores internacionais, com a finalidade de comparação aos resultados brasileiros. Acrescenta-se que, outros fatores podem ser determinantes na influência do desempenho organizacional, os quais não tenham sido considerados neste estudo, abrindo possibilidade de novas pesquisas nessa direção.

REFERÊNCIAS

- AbuGhazaleh, N. M., Al-Hares, O. M., & Roberts, C. (2011). Accounting discretion in goodwill impairments: UK evidence. *Journal of International Financial Management & Accounting*, 22(3), 165-204.
- Almeida, M. A., Dos Santos, J. F., de Medeiros Ferreira, L. F. V., & Torres, F. J. V. (2010). Determinantes da qualidade das práticas de governança corporativa das empresas brasileiras de capital aberto que possuem investimentos públicos. *RBN: Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 12(37), 369-387.
- Assaf Neto, A. (2018). Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro. (11. ed). Atlas.
- Avallone, F., & Quagli, A. (2015). Insight into the variables used to manage the goodwill impairment test under IAS 36. *Advances in accounting*, 31(1), 107-114.
- Bostwick, E. D., Krieger, K., & Lambert, S. L. (2016). Relevance of goodwill impairments to cash flow prediction and forecasting. *Journal of Accounting, Auditing & Finance*, 31(3), 339-364.
- Callado, A. A. C., Callado, A. L. C., & Almeida, M. A. (2008). O uso de indicadores de desempenho no âmbito das empresas do Porto Digital. In CONGRESSO USP CONTROLADORIA E CONTABILIDADE (Vol. 8).
- Camargos, M. A., & Barbosa, F. V. (2005). Análise do desempenho econômico-financeiro e da criação de sinergias em processos de fusões e aquisições do mercado brasileiro ocorridos entre 1995 e 1999. *REGE Revista de Gestão*, 12(2), 99-115.
- Cappelleso, G., Rodrigues, J. M., & de Freitas Prieto, M. (2017). Redução Ao Valor Recuperável Do Goodwill: Evidências Do Gerenciamento De Resultados Em Sua Determinação. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 10(3), 286-303.
- Chen, L., & Zhao, X. S. (2004). Understanding the role of the market-to-book ratio in corporate financing decisions. Available at SSRN 538944.
- CÔMITE DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS - CPC. (2010). Pronunciamento Técnico CPC 01 (R1). *Redução ao Valor Recuperável de Ativos*, aprovado pela

- Deliberação CVM nº 639/10. Disponível em: <http://www.cpc.org.br>. Acesso em: 17 fev. 2019.
- CÔMITE DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS - CPC. (2011). Pronunciamento Técnico CPC 15 (R1). *Combinação de Negócios* CVM nº 639/10. Disponível em: <http://www.cpc.org.br>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- Core, J. E., Holthausen, R. W., & Larcker, D. F. (1999). Corporate governance, chief executive officer compensation, and firm performance. *Journal of financial economics*, 51(3), 371-406.
- Costa, I. L. S. (2015). Influência do Goodwill no desempenho econômico-financeiro das empresas combinadas. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil.
- Degenhart, L., Vogt, M., Kaveski, I. D. S., Fank, O. L., & Scarpin, J. E. (2016). Análise Dos Fatores Determinantes Do Desempenho Das Empresas Familiares Brasileiras De Capital Aberto Listadas Na Bm&Fbovespa Do Setor De Consumo Cíclico. *ConTexto*, 16(33), 74-89.
- De Moura, G. D., Fank, D. R. B., Mazzioni, S., Angonese, R., & Silva, G. (2019). Habilidade Gerencial E Perdas Do Valor Recuperável Do Goodwill. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 13(2).
- Duh, R. R., Lee, W. C., & Lin, C. C. (2009). Reversing an impairment loss and earnings management: The role of corporate governance. *The International Journal of Accounting*, 44(2), 113-137.
- Fasolin, L. B., Kaveski, I. D. S., Chiarello, T. C., Marassi, R. B., & Heinn, N. (2014). Relação entre o índice de sustentabilidade e os indicadores econômico-financeiros das empresas de energia brasileiras. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, 18(2), 955-981.
- Fernandes, J. S., Gonçalves, C., Guerreiro, C., & Pereira, L. (2016). Impairment losses: causes and impacts. *RBG-N-Revista Brasileira de Gestão De Negócios*, 18(60), 305-318.
- Filip, A., Jeanjean, T., & Paugam, L. (2015). Using real activities to avoid goodwill impairment losses: Evidence and effect on future performance. *Journal of Business Finance & Accounting*, 42(3-4), 515-554.
- Gujarati, D. (2006). *Econometria Básica*. Rio de Janeiro: Campus.
- Jahmani, Y., Dowling, W. A., & Torres, P. D. (2010). Goodwill impairment: A new window for earnings management?. *Journal of Business & Economics Research (JBER)*, 8(2).
- Jarva, H. (2009). Do firms manage fair value estimates? An examination of SFAS 142 goodwill impairments. *Journal of Business Finance & Accounting*, 36(9-10), 1059-1086.
- Jones, G. D. C., Ribeiro, K. C. S., & Silva, P. R. (2009). Modelos de relatórios para planejamento e controle de resultados: Estudo de caso em uma empresa industrial. *Revista de Contabilidade da UFBA*, 3(1), 20-33.
- Kabir, H., & Rahman, A. (2016). The role of corporate governance in accounting discretion under IFRS: Goodwill impairment in Australia. *Journal of Contemporary Accounting & Economics*, 12(3), 290-308.
- Kassai, J. R., Casa Nova, S. P. D. C., Santos, A. D., & Assaf Neto, A. (2007). Retorno de investimento: abordagem matemática e contábil do lucro empresarial.
- Li, Z., Shroff, P. K., Venkataraman, R., & Zhang, I. X. (2011). Causes and consequences of goodwill impairment losses. *Review of Accounting Studies*, 16(4), 745-778.
- Lin, C., Ma, Y., Malatesta, P., & Xuan, Y. (2011). Ownership structure and the cost of corporate borrowing. *Journal of Financial Economics*, 100(1), 1-23.
- Lopez-Valeiras, E., Gomez-Conde, J., & Fernandez-Rodriguez, T. (2016). Firm size and financial performance: intermediate effects of indebtedness. *Agribusiness*, 32(4), 454-465.

- Majid, J. A. (2015). Reporting incentives, ownership concentration by the largest outside shareholder, and reported goodwill impairment losses. *Journal of contemporary accounting & economics*, 11(3), 199-214.
- Martins, E., de Almeida, D. L., Martins, E. A., & de Souza Costa, P. (2010). Goodwill: uma análise dos conceitos utilizados em trabalhos científicos. *Revista Contabilidade & Finanças*, 21(52).
- Mazzioni, S., Diel, F. J., Diel, E. H., Kruger, S. D., & Klann, R. C. (2014). Análise dos indicadores de valor adicionado das empresas participantes do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) comparados às demais empresas listadas na BM&FBOVESPA. *Contextus-Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 11(2), 159-180.
- Medrado, F., Cella, G., Pereira, J. V., & Dantas, J. A. (2016). Relação entre o nível de intangibilidade dos ativos e o valor de mercado das empresas. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 10(28), 32-44.
- Rani, N., Yadav, S. S., & Jain, P. K. (2013). Post-M&A operating performance of indian acquiring firms: A Du Pont analysis. *International Journal of Economics and Finance*, 5(8), 65.
- Riedl, E. J. (2004). An examination of long-lived asset impairments. *The Accounting Review*, 79(3), 823-852.
- Rossoni, L., & Machado-da-Silva, C. L. (2013). Legitimidade, Governança Corporativa e Desempenho: Análise das Empresas da BM&F Bovespa (Legitimacy, Corporate Governance and Performance in BM&F Bovespa). *Revista de Administração de Empresas*, 53(3), 272-289.
- Santos, P. S. A., Dani, A. C., & Klann, R. C. (2015). Concentração de propriedade e o impairment loss sobre o Goodwill: Investigação empírica no contexto das companhias abertas brasileiras. *Revista de la Facultad de Ciencias Económicas: Investigación y Reflexión*, 23(1), 175-188.
- Souza, M. M. D., Borba, J. A., & Borgert, A. (2011). Perda no valor recuperável de ativos: uma análise dos reflexos nos indicadores econômicos e financeiros no setor elétrico brasileiro. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*, 16(1), 115-129.
- Stenheim, T., & Madsen, D. Ø. (2016). Goodwill impairment losses, economic impairment, earnings management and corporate governance. *Journal of Accounting and Finance*, 16(2), 11-30.
- Stickney, C. P., & Weil, R. L. (2000). Contabilidade financeira: uma introdução aos conceitos, métodos e usos. Atlas.
- Verriest, A., & Gaeremynck, A. (2009). What determines goodwill impairment?. *Review of Business and Economics*, 54(2), 1-23.
- Vogt, M., Pletsch, C. S., Morás, V. R., & Klann, R. C. (2016). Determinantes do reconhecimento das perdas por impairment do goodwill. *Revista Contabilidade & Finanças*, 27(72), 349-362.
- Wan, W. P., & Yiu, D. W. (2009). From crisis to opportunity: Environmental jolt, corporate acquisitions, and firm performance. *Strategic Management Journal*, 30(7), 791-801.
- Zang, Y. (2008). Discretionary behavior with respect to the adoption of SFAS no. 142 and the behavior of security prices. *Review of Accounting and Finance*, 7(1), 38-68.
- Zhang, I., & Zhang, Y. (2007, May). Accounting discretion and purchase price allocation after acquisitions. AAA.